Ocotea corymbosa (Meisn.) Mez

(canela, canela bosta, canela fedorenta)

Família: Lauraceae

Endêmica: não[2]

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado (Cerradão, Floresta Ciliar), Mata Atlântica (Floresta Ciliar, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila)[2]

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

A canela-fedorenta, como pelo próprio nome sugere, é uma espécie cuja madeira libera odor desagradável em contato com a umidade. Apesar do odor, sua madeira é fácil de ser trabalhada, resistente e durável. Também é uma árvore bem ornamental, empregada na arborização de ruas principalmente por sua copa com folhagem delicada e flores brancas. As árvores maiores atingem altura de 30 m, seu tronco é reto a levemente tortuoso e sua casca externa é àspera, de coloração marrom escuro.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (construção civil, lenha), produtos não madeireiros (ornamental)[1]

Características gerais

Porte: altura 10.0-30.0m DAP 40-70cm[5,1,4]

Cor da floração: branca[3]

Velocidade de desenvolvimento: Lenta[5]

O desenvolvimento no local definitivo é lento, dificilmente ultrapassando 2,5 m aos 2 anos.

Persistência foliar: Semidecídua[1,5]

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto, Levemente tortuoso[1]

Superfície do tronco: Áspera[1]

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Baga)[4]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim[1]

Pragas e doenças: Produz anualmente grande floração, entretanto devido à infecção de um fungo a produção de sementes é geralmente baixa.[5]

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas[15]

Espécie mesófila.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial, Secundária tardia, Clímax[11,8,12,13,6]

Polinizadores: Abelhas.[1]

Período de floração: setembro a fevereiro[4,3]

Flor de setembro a fevereiro (BAITELLO; MARCOVINO, 2003); de novembro a janeiro (MORELLATO, 1991).

Tipo de dispersão: Zoocórica[8]

Agentes dispersores: Aves.[1]

Período de frutificação: março a dezembro[4]

Associação simbiótica com raízes: sim[14]

Apresenta incidência média de micorriza arbuscular.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore[1,5]

Colher os frutos quando inciarem a queda espontânea. Em seguida, devem ser expostos ao sol para secar a pequena camada de polpa suculenta que envolve a semente (LORENZI, 2002). Os frutos devem ser colhidos quando maduros - coloração verde-clara - diretamente da árvore, antes da queda espontânea ou da dispersão pelas aves (CARVALHO, 2008).

Tipo de semente: Recalcitrante[6,9]

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento, Tratamento térmico[1,6]

Não há necessidade de tratamento pré-germinativo, mas para acelerar e uniformizar a germinação, imergir as sementes em água fria ou ambiente por 48 horas.

Produção de mudas: Canteiros[5,1]

Transplantar as mudas para embalagens individuais quando alcançarem 4 a 5 cm (LORENZI, 2002).

Tempo de germinação: 30 a 60 dias[5,7]

Taxa de germinação: 30 a 80%[6,7]

Número de sementes por peso: 4200/kg[9,10,6]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[5,1]

Bibliografia

[1] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. v. 3, 593 p.

[2] QUINET, A.; BAITELLO, J. B.; MORAES, P. L. R.; ALVES, F. M.; ASSIS, L. Lauraceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 30 jul. 2013.

[3] MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

[4] BAITELLO, J. B.; MARCOVINO, J. R. Ocotea. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; GIULIETTI, A. M.; MELHEM, T. S. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2003. v. 3, p. 179-208.

[5] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[6] MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

[7] MALUF, A. M.; PASSOS R.; BILIA, D. A. C.; BARBEDO, C. J. Longevidade e germinação dos diásporos de Ocotea corymbosa (Meissn.) Mez. Scientia Agricola, Piracicaba, v. 57, n. 1, p. 39-44, jan./mar. 2000.

[8] CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. Biota Neotropica, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.

[9] CARVALHO, L. R. de. Conservação de sementes de espécies dos gêneros Nectandra, Ocotea e Persea (Lauraceae). 2006. 75 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal), Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2006.

[10] DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.

[11] LEITE, E. C; RODRIGUES, R. R. Fitossociologia e caracterização sucessional de um fragmento de floresta estacional do sudeste do Brasil. Revista Árvore, Viçosa, v. 32, n. 3, p. 583-595, 2008.

[12] GANDOLFI, S.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEZERRA, C. L. F. Levantamento florístico e caráter sucessional das espécies arbustivo-arbóreas de uma floresta mesófila semidecídua no município de Guarulhos, SP. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 55, n. 4, p. 753-767, 1995.

[13] WERNECK, M. de S.; FRANCESCHINELLI, E. V.; TAMEIRÃO NETO, E. Mudanças na florística e estrutura de uma floresta decídua durante um período de quatro anos (1994-1998), na região do Triângulo Mineiro, MG. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 401-413, dez. 2000.

[14] CARNEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, J. O.; MOREIRA, F. M. S.; CARVALHO, D. de; BOTELHO, S. A.; JUNIOR, O. J. S. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas e arbustivas nativas de ocorrência no sudeste do Brasil. Cerne, Lavras, v. 4, n. 1, p. 129-145, 1998.

[15] VILELA, E. de A.; OLIVEIRA FILHO, A. T. de; GAVILANES, M. L.; CARVALHO, D. A. de. Espécies de matas ciliares com potencial para estudos de revegetação no alto Rio Grande, sul de Minas. Revista Árvore, Viçosa, v. 17, n. 2, p. 117-128, 1993.